



Estudo dos atos de falas de docentes sobre a inclusão no ensino de matemática

Study of teachers' speech acts about inclusion in mathematics teaching

Yara Patrícia Barral de Queiroz Guimarães¹

Wagner Barbosa de Lima Palanch²

Resumo: o objetivo desse trabalho é apresentar o resultado parcial do estudo dos atos de fala de professores da Educação Profissional Técnica de Nível Médio sobre a Inclusão do Outro no ensino de matemática. Os dados foram coletados durante uma reunião realizada com os participantes por videoconferência e, de um total de 48 atos de falas selecionados para estudo a partir do que propõe Jurgen Habermas na Teoria do Agir Comunicativo, que foi a principal referência teórica e metodológica do estudo, escolhemos 04 para apresentar nesse artigo. Como resultados serão apresentados um exemplo para cada tipo de exteriorização: idiosincrática, expressiva, constativa e avaliativa, extraídos da transcrição das falas da reunião, que vai compor uma pesquisa de doutoramento.

Palavras-chave: Atos de fala. Agir Comunicativo. Comunicação ética. Inclusão no ensino de matemática.

Abstract: The objective of this work is to present the partial result of the study of the speech acts of teachers of Technical Professional Education at Secondary Level on the Inclusion of Others in the teaching of mathematics. The data were collected during a meeting held with participants via video conference and, from a total of 48 speech acts selected for study based on what Jurgen Habermas proposes in the Theory of Communicative Acting, which was the main theoretical and methodological reference of the study, we chose 04 to present in this article. As results, an example will be presented for each type of externalization: idiosyncratic, expressive, constative and evaluative, extracted from the transcription of the meeting's speeches, which will form part of a doctoral research.

Keywords: Speech acts. Communicative Acting. Ethical communication. Inclusion in mathematics teaching.

1 Introdução

A cada dia aumenta o número de estudantes diagnosticados com deficiência(s), transtorno(s) e/ou altas habilidades-superdotação presentes nas escolas de nosso país. Com isso, faz-se necessário que os professores vivenciem oportunidades de crescimento, baseadas na busca de conhecimentos, para conseguirem lidar com as diferentes características de forma mais adequada e confortável a cada dia. É justamente sobre uma oportunidade estimulada de debate sobre a inclusão entre professores de matemática que se trata esse artigo.

Aqui são abordados os resultados parciais de uma pesquisa para obtenção do título de doutoramento. O foco da pesquisa é a Inclusão do Outro no ensino de matemática, adotando como referencial teórico e metodológico a Teoria do Agir Comunicativo e a Teoria da Inclusão do Outro, do alemão Jurgen Habermas.

Na edição anterior do SIPEM, o VIII SIPEM, apresentamos outro recorte, que também

¹ Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais • Belo Horizonte, MG — Brasil • ✉ yaralarrab@hotmail.com • ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7268-3694>

² Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Universidade Cruzeiro do Sul • São Paulo, SP — Brasil • ✉ wagnerpalanch@gmail.com • ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9473-407X>



envolveu a análise de atos de falas de professores. No entanto, a reunião descrita naquele artigo correspondeu a outro momento, quando 03 professores foram escolhidos e convidados para um encontro virtual, com o objetivo de apresentarem suas percepções a respeito de como a inclusão ocorre na Instituição onde lecionam.

Naquela ocasião, estudamos os atos de falas desses 03 professores participantes tomando categorias diferentes das que utilizamos no presente artigo. Naquela reunião, consideramos alguns relatos dos participantes e identificamos que:

- a) Quanto à fundamentação do conceito de racionalidade comunicativa que sirva de base e princípio norteador: os participantes estabeleceram uma interação de consenso e de entendimento.
- b) Não houve dicotomia entre o agir estratégico ou instrumental e o agir comunicativo, pois os participantes não tomaram a palavra para si com intuito de fazer valer sua crença ou opinião.
- c) Não houve a elaboração de uma nova teoria da ordem social com primazia do agir comunicativo, pois o que vivenciamos quanto à teoria da Inclusão do Outro é o olhar para as políticas públicas já existentes. É preciso verificar se estão sendo devidamente executadas, ou seja, não precisamos criar nada.
- d) Percebemos uma contraposição entre o mundo da vida e o sistema, já que a luta pela Inclusão no ensino está no cerne da prática pedagógica, apesar do sistema não permitir que isso aconteça por apresentar tantos problemas e entraves. (Guimarães, Silva e Palanch 2021, 13-14).

As categorias acima foram tomadas a partir dos estudos das obras de Jurgen Habermas, como sendo a Teoria do Agir Comunicativo (2019) e Inclusão do Outro (2018). Pudemos constatar com os resultados obtidos que, no debate estabelecido, prevaleceu a ética na comunicação, com a conseqüente racionalidade comunicativa. Desse modo, a racionalidade comunicativa oportunizaria o Agir Comunicativo, com vistas a buscar soluções para problemas enfrentados na Instituição onde os professores lecionavam (uma das participantes se aposentou em 2022).

A partir da experiência obtida com aquela reunião e dos conhecimentos adquiridos com o estudo das obras habermasianas desde que optamos por seguir essa linha teórico-metodológica, chegamos até a fase de escolher nossas categorias na obra de Habermas (2019) para analisar outros atos de fala provenientes de uma nova reunião, ocorrida em 14/09/2022, quando o convite foi estendido a todos os professores do Departamento de Matemática, que lecionam para a EPTNM – Educação Profissional Técnica de Nível Médio, do CEFET-MG (Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais), do Campus Nova Gameleira em Belo Horizonte. Essa reunião também aconteceu por videoconferência com uso da plataforma Teams e sua duração foi de 1h40min.

Nesse recorte, apresentamos parte do resultado obtido por meio da reunião com os professores, que foi uma oportunidade estimulada de debate, para que eles expressassem suas opiniões a respeito desse tema tão importante e que não é tão óbvio, infelizmente. Quando afirmamos que esse tema não é óbvio, isso se justifica pelo fato de que existe legislação³ vigente voltada para pessoas com deficiências, transtornos e/ou altas habilidades, além de grande discussão com divulgação nas mídias sociais sobre o tema, mas a prática nas escolas ainda tem um longo caminho a ser percorrido para se chegar ao ponto de não mais ser necessário tanto debate a respeito, por já ter se tornado uma vivência comum na sociedade.

Uma vez que a reunião foi gravada com autorização dos participantes, fizemos a sua

³ A principal lei é a de nº 13.146/2015, conhecida como Estatuto da Pessoa com Deficiência.



transcrição e o estudo dos atos de fala. Do total, selecionamos 48 atos de fala para a pesquisa do doutorado e, destes, escolhemos 04 para apresentar nesse artigo.

Os atos de falas foram estudados e categorizados de acordo com o tipo de exteriorização observado: expressivo, constativo, idiossincrático, racional ou avaliativo. Nesse artigo, apresentamos um exemplo de cada um dos tipos de exteriorizações que foram observados na pesquisa: expressivo, idiossincrático, constativo e avaliativo.

2 Referencial teórico

Para entender o que os participantes da pesquisa intencionaram com seus discursos, buscamos em Jurgen Habermas o conhecimento para isso. Esse é um filósofo alemão que defende que o uso de uma comunicação ética pode contribuir para que problemas sociais sejam resolvidos.

Acreditamos que as ideias habermasianas podem ser utilizadas também na área de Educação Matemática e não apenas em cursos da área de Ciências Humanas, como Direito, Filosofia e outros, devido ao fato de que esse filósofo defende uma comunicação ética para busca de soluções de problemas sociais. Ao estudar as referências que encontramos na Educação Matemática Inclusiva e os conceitos habermasianos, Guimarães e Palanch (2023) constataram o quanto Habermas (2019) pode contribuir para que a inclusão aconteça:

Em todas as situações, os seres humanos são convidados a dialogar. É o caminho da socialização, construção de relações e de espaços. A comunicação, seja por meio da fala ou de qualquer outra linguagem, como a de sinais, é a forma das pessoas interagirem.

Mas nessa comunicação, a ética é o principal elemento que precisa estar presente. Com ética, os sujeitos envolvidos se respeitarão e terão maiores chances de estabelecerem um contato saudável e produtivo. (Guimarães e Palanch 2023, 195)

É dessa maneira que apreciamos as ideias habermasianas em encontro ao que conhecemos da Educação Matemática Inclusiva, pois “Habermas defende essa ética na comunicação. Por meio de uma comunicação ética, o cidadão pode provocar o outro a pensar sobre o seu lugar, o seu ambiente e o seu modo de vida, estimulando o reconhecimento e o respeito ao Ser, de modo a promover a inclusão” (Guimarães e Palanch 2023, 196).

Mas, uma vez que esse trabalho aborda a inclusão no ensino de matemática, precisamos entender também o contexto para essa abordagem. Rosa e Baraldi (2018) afirmaram que:

A inclusão deve ser pensada como um movimento que não se restringe às pessoas com deficiência, mas é extensivo a todos, como a proposta iniciada pela Declaração de Salamanca para combater atitudes discriminatórias, construir uma sociedade inclusiva e alcançar uma “Educação para Todos”, no real sentido dessa expressão. (Rosa e Baraldi 2018, 11)

Ao pensar na inclusão no ensino de matemática, temos que diferenciá-la da inclusão escolar. Sobre isso, Borges e Nogueira (2018) ratificam essa informação quando afirmaram que

A realidade da inclusão de educandos com necessidades especiais na educação brasileira tem impelido os professores que já estão atuando a buscar por conhecimentos sobre como agir pedagogicamente com estudantes cegos, surdos, cadeirantes, com altas habilidades ou transtornos globais etc., visto que sua formação inicial não contemplou tais conhecimentos. (Borges e Nogueira 2018, 40)



Em um ambiente escolar existem várias realidades, vários universos inseridos ali naquele meio. Cada estudante, docente ou servidor da instituição possui suas características, seu modo de vida, suas crenças, anseios e desejos. Mesmo se tais características correspondem às de alguma deficiência, transtorno e/ou síndrome, essas pessoas continuam com seu modo de vida, suas crenças, anseios e desejos.

Cabe ao corpo docente da instituição, que são as pessoas que lidam diretamente com os estudantes no dia a dia, observar o comportamento dos seus alunos dentro de sua prática pedagógica, de modo a perceber se o processo da aprendizagem destes condiz com seu processo de ensino. Muitas vezes, são os professores que percebem situações que ocorrem com os alunos e, se optam por tomar alguma atitude, podem contribuir para a melhoria da qualidade de vida destes, principalmente no desenvolvimento escolar.

Se uma pessoa possui características que correspondam a algum transtorno, deficiência e/ou altas habilidades-superdotação ela pode ter direitos específicos, garantidos pela legislação. Uma das formas de se garantir o cumprimento da legislação quanto a esses direitos à inclusão é por meio do debate, da conscientização de todos.

Muitos indivíduos não compreendem que o outro ocupa um lugar diferente do seu e que devem respeitar esse lugar. Enxergar as diferenças culturais, étnicas e físicas de comunidades ou indivíduos é o primeiro passo para o reconhecimento; mas quando mencionamos o verbo “enxergar” queremos que ele seja entendido como a observação não apenas superficial, mas a percepção do que envolve aquele espaço, aquele lugar. (Guimarães e Palanch 2023, 184)

Habermas (2019) acredita que por meio de uma comunicação ética, um grupo de pessoas interessadas pode chegar ao consenso para a busca por soluções para diversos problemas. Em um debate, cada participante ali presente pode ser um falante, as outras pessoas são os ouvintes e cada fala dita é um ato de fala ou exteriorização.

Os atos de fala estão, muitas vezes, cheios de argumentos. Habermas (2019) explica que a “argumentação é o tipo do discurso em que os participantes tematizam pretensões de validade controversas e procuram resolvê-las ou criticá-las com argumentos” (Habermas 2019, 48). O mesmo autor afirma que a força de um argumento está na capacidade de motivar ou não os participantes de um discurso a aceitar a pretensão de validade desse argumento; o sujeito participante de um debate precisa estar aberto para receber críticas ao seu ato de fala e debater, se for o caso.

De qualquer modo, tanto o falante como o ouvinte precisam adotar uma postura ética tanto para expressar seus atos de fala como para discordar do que julga necessário. Essa é a chamada racionalidade comunicativa definida por Habermas (2019) e os participantes desse tipo de comunicação são sujeitos racionais.

A racionalidade comunicativa visa o sucesso no agir comunicativo, ou seja, por meio da comunicação pode-se obter êxito em ações.

Uma das formas de se chegar ao consenso é interpretar corretamente os atos de fala. Apesar de isso parecer óbvio para algumas situações ou trabalhoso demais para outras é preciso entender que, ao se lidar com o cumprimento das políticas públicas que garantem direitos e deveres dos cidadãos, a análise adequada dos atos de fala contribui para o sucesso dos objetivos ali presentes.

Os atos de fala presentes em um debate podem ser analisados e categorizados, para que sejam compreendidas as intenções do falante. Tais atos de falas ou exteriorizações podem ser



categorizados como expressivas, constatativas, avaliativas, racionais ou idiossincráticas.

Para melhor compreender seus conceitos, cada tipo de exteriorização será explicado:

- **Exteriorizações expressivas:** é a expressão de uma opinião, de uma emoção. Habermas (2019) afirma que o “saber não remete à existência de estados de coisas, mas à validade deôntica de normas e à exibição de vivências subjetivas” (Habermas 2019, 45). É preciso também observar a validade das normas éticas e morais, bem como as experiências subjetivas vivenciadas.
- **Exteriorizações constatativas:** como o próprio nome indica, trata-se de constatações. Para Habermas (2019), referem-se a expressões que descrevem ou representam estados de coisas ou eventos. Algumas afirmações são baseadas em fatos ou experiências e os dados podem ser contestados.
- **Exteriorizações avaliativas:** indicam juízo de valor.

Elas não são nem simplesmente expressivas, isto é, não dão expressão a um sentimento ou carência meramente particulares, nem rogam para si uma obrigatoriedade normativa, ou seja, mantêm-se em conformidade com uma expectativa de comportamento generalizada (Habermas 2019, 45).

- **Exteriorizações racionais:** são passíveis de correção, sendo que o conceito de fundamentação está ligado ao de aprendizagem. A respeito da racionalidade presente em um ato de fala, Habermas (2019) afirma que “a capacidade de fundamentar exteriorizações racionais por pessoas que se portam racionalmente, corresponde à sua disposição de se expor à crítica e participar de argumentações” (Habermas 2019, 45).
- **Exteriorizações idiossincráticas:** é um ato de fala que corresponde à uma experiência vivenciada pelo falante. A parcialidade e a suscetibilidade em juízos de valor mantêm relação interna com razões e argumentos; Habermas (2019) explica que “seu teor de significado não se torna acessível por meio da força do discurso poético ou pela conformação criativa, e ele dispõe tão somente de um caráter privado” (Habermas 2019, 47).

Com base, então, no entendimento sobre os tipos de exteriorizações que um falante pode proferir durante um debate, selecionamos alguns atos de falas dos participantes durante uma reunião por videoconferência para ilustrar tal entendimento. Os detalhes serão apresentados na seção referente aos recursos metodológicos.

Consideramos que o foco deste artigo é a inclusão, porque esse é o tema principal para o qual pretendemos contribuir. Assim, optamos por estudar a Inclusão do Outro (Habermas 2018) que tem um perfil político e que, por isso mesmo, apresenta conceitos muito pertinentes sobre a inclusão.

O autor nos explica que a “inclusão do outro significa que as fronteiras da comunidade estão aberta para todos – e precisamente também para aqueles que são estranhos uns aos outros e que querem permanecer estranhos” (Habermas 2018, 15). Ao pensar no ensino da matemática sob uma perspectiva inclusiva, consideramos como necessária a postura de não se admitir em sala de aula situações de desrespeito, preconceito, discriminações de nenhuma espécie; entendemos que

O respeito igual a cada um não se limita aos que são semelhantes; ele se estende à pessoa do outro ou ao outro em sua diferença. E assumir a responsabilidade solidária para com um outro como um de nós se refere ao “nós” flexível de uma comunidade que se opõe a tudo o que é substancial e que amplia continuamente seus limites



porosos. (Habermas 2018, 28)

Acreditamos que a nossa função docente vai muito além de ensinar os conteúdos matemáticos, tanto é que estamos inseridos na área da Educação Matemática. Ao adotar uma postura inclusiva durante as aulas, considerando a responsabilidade solidária pelo outro, como Habermas (2018) sugere, respeitando as diferenças de cada ser humano presente nas salas de aulas, seremos, de fato, educadores matemáticos e não apenas professores de matemática.

3 Recursos metodológicos

Os dados dessa pesquisa foram coletados por meio de uma reunião realizada por videoconferência pela plataforma Teams, com duração de 1h40min. A reunião foi gravada com autorização dos participantes e todo o conteúdo foi transcrito para facilitar a interpretação.

Considerando o longo tempo de duração da reunião, optamos por selecionar alguns atos de fala para apresentar nesse estudo, sendo que este é apenas um recorte de uma pesquisa maior para obtenção do título de doutoramento. Justificamos tal escolha pelo fato de que apresentamos aqui exemplos de exteriorizações idiossincráticas, expressivas, avaliativas e constatativas.

A reunião contou com 10 participantes, incluindo essa pesquisadora. Todos os participantes são professores de matemática da Educação Profissional Técnica de Nível Médio, do Campus Nova Gameleira, em Belo Horizonte/MG, do CEFET-MG. O convite foi enviado por e-mail e reforçado por mensagem através de um aplicativo de aparelho celular. Os participantes já tinham conhecimento de que o tema de pesquisa dessa pesquisadora tem a inclusão como tema.

Como Habermas (2019) explica que deve acontecer a racionalidade comunicativa, os participantes ficaram bastante à vontade para falar com a câmera ligada ou desligada e poderiam se manifestar também pelo chat, mas todos preferiram abrir os microfones quando desejavam expor algum ato de fala. A pesquisadora abriu a reunião, expôs a pergunta-chave ao qual todos deveriam focar: “como vocês entendem que a inclusão do outro no ensino de matemática é promovida no CEFET-MG?”.

Uma vez que Habermas (2018) defende o uso da comunicação ética para se alcançar o consenso na busca de soluções para problemas sociais, problemas reais da vida em comunidade, acreditamos na importância de se interpretar corretamente os atos de falas proferidos com vias a se colocar em prática as devidas ações consequentemente geradas.

Nesse trabalho será apresentado, então, um exemplo de cada um dos tipos de atos de fala categorizados. O Quadro 01 mostra os atos de fala selecionados para essa apresentação.

Quadro 01: atos de fala selecionados como exemplos de exteriorização idiossincrática, expressiva ou constatativa.

Participante	Atos de fala
P1	“Eu tenho alunos que têm direito a tempo maior para as avaliações, só que eles preferem abrir mão desse tempo” (por falta de sala adequada).
P2	“Eu, particularmente, tenho muitas dúvidas de como trabalhar com esses alunos”.
P3	“A gente está recebendo aluno que tem defasagem de matemática, aí a gente não sabe se é só defasagem ou se é algum transtorno”.
P4	“Recentemente tivemos um minicurso que foi ótimo. Mas não é suficiente, tem que ser em fluxo contínuo, treinamento periódico, troca de experiências”.

Fonte: elaborado pelos pesquisadores.



O contexto em que o participante P1 proferiu o ato de fala apresentado no Quadro 01 consiste na explanação sobre a falta de estrutura da instituição onde leciona. Uma vez que tal Instituição recebe alunos com vários tipos de transtornos, deficiências e/ou altas habilidades-superdotação, o participante se referia a alunos que carecem de necessidades educacionais especiais, como o maior tempo para resolução de atividades avaliativas. No entanto, o docente relata que alguns desses alunos abrem mão desse direito porque a sala que é destinada para esse objetivo é muito movimentada e eles não conseguem se concentrar para responder às questões da prova.

O participante P2 afirmou, assim como fizeram vários outros participantes da reunião, que tem muitas dúvidas sobre a melhor maneira de agir durante as aulas com alunos que apresentam transtornos e/ou deficiências. Esse ato de fala, particularmente, refere-se a estudantes com TDAH, TEA, dislexia e/ou discalculia, já que P2 afirmou em outros atos de fala que considera mais simples trabalhar com alunos cegos, surdos ou com deficiência motora.

Ao pensar sobre as turmas para quem tem lecionado, o participante P3 percebeu que, principalmente depois da pandemia do Covid-19 em 2020, os alunos chegam na instituição com grandes dificuldades em matemática. Quando essa dificuldade é percebida pela falta de base de conhecimentos do ensino fundamental, a revisão de conteúdos contribui para que o problema seja minimizado. Mas P3 afirma receber alunos que, inicialmente, parecem ter problemas de defasagem de conteúdos, mas que ao longo do ano é possível perceber que há presença de algum transtorno ou deficiência.

P3 e os demais participantes se depararam com situações de alunos que já foram diagnosticados e definidos como estudantes com necessidades educacionais especiais, mas que as famílias não informaram a escola. Em um caso particular, P3 tentou diversas estratégias com um aluno cuja família informou a escola, meses depois, que havia o diagnóstico de discalculia e que a idade mental para a aprendizagem da matemática correspondia a de uma criança com menos de 9 anos. Assim, contextualiza-se o ato de fala desse participante.

Vários dos professores proferiram atos de fala sobre a necessidade de cursos de capacitação oferecidos pela Instituição. O ato de fala P4 é um desses, quando o participante afirmou que já participou de um curso oferecido pela Instituição, quando o avaliou positivamente, mas alegando que outros são necessários e que apenas esse não foi suficiente.

Os quatro atos de fala aqui expostos serão caracterizados dentre o que Habermas (2019) indicou como importantes para a análise do discurso. E, como vimos, um ato de fala é também chamado de exteriorização, então tais exteriorizações serão categorizadas como idiossincrática, expressiva, avaliativa ou constativa.

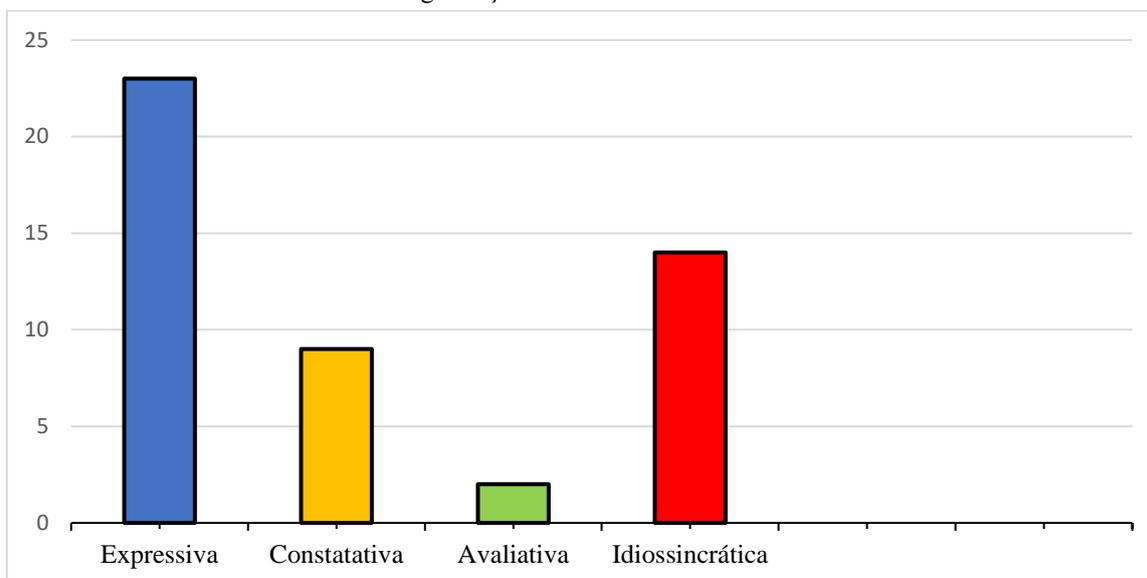
4 Resultados

Como foi mencionado na seção Recursos Metodológicos, do tempo total da reunião, selecionamos 48 atos de fala. Desses, escolhemos 04 para apresentar nesse artigo.

De todos os atos de falas selecionados para a pesquisa de doutoramento, observamos que os tipos de exteriorizações que mais apareceram foram, em sequência decrescente de quantidade: expressivas e idiossincráticas. O Gráfico 01 ilustra os resultados obtidos:



Gráfico 01: resultados da categorização dos 48 atos de falas selecionados durante a reunião



Fonte: elaborado pelos pesquisadores.

Mesmo este sendo um estudo qualitativo, optamos por apresentar o gráfico para tornar a informação mais objetiva. O Gráfico 01 mostra que não foram observados nenhuma exteriorização racional; mas de certo modo, ao mesmo tempo, consideramos todos os atos de fala selecionados como exteriorizações racionais, já que todos os participantes se portam racionalmente, estavam abertos a críticas para seus argumentos e participavam da construção de uma argumentação com total liberdade e autonomia.

Uma vez que os atos de falas foram selecionados de modo a serem valorizados os argumentos ali contidos e não foi realizada uma análise prévia do tipo de exteriorização ali presente, consideramos que o maior número de exteriorizações expressivas seguido de exteriorizações idiossincráticas se justifica pelo fato de que os participantes se sentiram à vontade para expor opiniões e relatar experiências vivenciadas.

Os atos de fala apresentados no Quadro 01 são apresentados agora no Quadro 02 com a devida categorização, que corresponde ao tipo de exteriorização.

Quadro 02: atos de fala selecionados como exemplos de exteriorização idiossincrática, expressiva ou constatativa.

Participante	Atos de fala	Tipo de exteriorização
P1	“Eu tenho alunos que têm direito a tempo maior para as avaliações, só que eles preferem abrir mão desse tempo” (por falta de sala adequada).	Idiossincrática
P2	“Eu, particularmente, tenho muitas dúvidas de como trabalhar com esses alunos”.	Expressiva
P3	“A gente está recebendo aluno que tem defasagem de matemática, aí a gente não sabe se é só defasagem ou se é algum transtorno”.	Constatativa
P4	“Recentemente tivemos um minicurso que foi ótimo. Mas não é suficiente, tem que ser em fluxo contínuo, treinamento periódico, troca de experiências”.	Avaliativa

Fonte: elaborado pelos pesquisadores.



O ato de fala do participante P1 pode ser categorizado como uma exteriorização idiossincrática. Isso se justifica pelo fato de que, como Habermas (2018) explicou, trata-se de um relato de uma experiência vivenciada pelo falante. Ao relatar que possui alunos que renunciam ao seu direito a maior tempo para resolução de atividades avaliativas, o participante P1 descreve uma experiência vivenciada em sala de aula.

Esse ato de fala revela uma possível avaliação que o falante subjetivamente proferiu, uma vez que, no contexto dessa exteriorização, ele afirma que a instituição não tem estrutura de sala de aula para acompanhamento de estudantes com necessidades educacionais especiais. Essa também é uma constatação a respeito da estrutura da instituição, o que conduz à possível avaliação. Mas como o ato de fala selecionado não contém toda essa informação, optamos por apresentar o resultado da análise apenas do trecho escolhido.

O participante P2 deixa claro que sua exteriorização é a expressão de uma opinião ou de uma emoção ao utilizar a palavra “particularmente” em sua fala. Mas mesmo que isso não tivesse acontecido, o participante admitiu que ele próprio (uso do “eu”) apresenta muitas dúvidas ao lidar com estudantes que possuem necessidades educacionais especiais. Assim, sua exteriorização é expressiva, segundo Habermas (2019). No contexto do ato de fala, o falante afirmava que não sabia lidar com as dificuldades apresentadas, principalmente, por estudantes com TEA, TDAH, deficiência intelectual, discalculia, dislexia e outros transtornos.

Ao expor uma afirmação, algo que pode ser confirmado por outros sujeitos, o falante exterioriza uma constatação. Dessa forma, o participante P3 constata duas informações: que a instituição recebe alunos com defasagem em matemática e a dificuldade que o corpo docente se depara em detectar se se trata de fato de uma defasagem ou se nesse aluno há presença de algum transtorno, como a discalculia. P3 realizou, então, uma exteriorização constatativa. Como Habermas (2019) afirmou, esse tipo de exteriorização é uma expressão que descreve ou representa estado de coisas ou eventos.

No ato de fala do participante P3 o estado de coisas a que o falante se refere é a situação de a instituição receber, mais a cada dia, estudantes com defasagem em matemática. Mas o participante também expressa sua preocupação quanto ao fato de não saberem, logo no início, se tal defasagem corresponde às dificuldades específicas no conteúdo ou à presença de algum distúrbio, síndrome ou transtorno.

O participante P4 que proferiu o ato de fala que entendemos como avaliativo realizou, na verdade, duas avaliações: afirmou já ter participado de um minicurso oferecido pela instituição e que o minicurso foi “ótimo”, mas afirmou não ser o suficiente já que sente necessidade de mais oportunidades parecidas. O falante relata interesse por treinamentos periódicos, com relatos de experiências. Habermas (2019) nos explica que declarações assim não apresentam uma pretensão de validade delineada; o autor detalha que exteriorizações desse tipo não são simplesmente expressivos, ou seja, “não dão expressão a um sentimento ou carência meramente particulares” (Habermas 2019, 45).

A mesma referência ainda informa que os atos de fala avaliativos “mantêm-se em conformidade com uma expectativa de comportamento generalizada” (Habermas 2019, 45). O participante P4 proferiu seu ato de fala na primeira pessoa do plural, ou seja, não referiu a si próprio, mas a todo o grupo de professores de matemática que lecionam para a EPTNM, o que de fato pode ser confirmado ao analisar todo o conjunto de atos de falas resultantes da reunião quando vários professores também mencionaram a necessidade de cursos com o tema incluso oferecidos pela instituição.



5 Considerações finais

Diante desses exemplos que são apresentados aqui, entendemos que a experiência e análise docentes associadas à opinião diante da observação do ambiente podem contribuir para a promoção da inclusão no ensino. Isso devido à competência que o docente tem de sugerir e cobrar ações da equipe gestora da escola onde leciona e dos órgãos governamentais.

Os 04 atos de falas aqui expostos trazem consigo 04 possibilidades de ações que podem ser executadas na instituição com vias à promoção da inclusão no ensino. Trouxemos aqui um exemplo de ato idiosincrático que conduz à necessidade de a instituição estruturar adequadamente, pelo menos, uma sala para atendimento aos estudantes com necessidades educacionais especiais.

Também foi selecionado um ato de fala expressivo que pode ser associado ao ato de fala avaliativo, uma vez que correspondem ao mesmo tema: necessidade de cursos que capacitem os docentes para lidarem com as diferentes características presentes nos estudantes. O ato de fala do participante P3, que é constatativo, confirma essa informação a respeito das várias e diferentes características com que os docentes podem se deparar em sala de aula e com a necessidade de se preparar para o bom acolhimento a esses estudantes.

Esse artigo apresenta apenas 04 exemplos de atos de falas que podem ser analisados e interpretados à luz da racionalidade comunicativa apresentada por Habermas (2019). De posse desses resultados, depois de confirmar que houve ética na comunicação, o próximo passo é buscar a solução dos problemas encontrados, com vias de se chegar ao agir comunicativo, também proposto por Habermas (2019).

Agradecimentos

Agradeço à **Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes)**, pela bolsa taxa, o que permitiu o desenvolvimento desta pesquisa.

Referências

- Borges, F. A. & Nogueira, C. M. I. (2018) Saberes Docentes e o Ensino de Matemática para Surdos: desencadeando discussões. Em *Educação Matemática Inclusiva: estudos e percepções*, por F. M. C. & Baraldi, I. M. (orgs) Rosa, 37-62. Campinas: Mercado de Letras.
- Guimarães, Y. P. B. Q. & Palanch, W. B. L. (2023). Contribuições da teoria da Inclusão do Outro para a Educação Matemática Inclusiva. *Acta Scientiae - Revista de Ensino em Ciências e Matemática*: 177-198.
- Guimarães, Y. P. B. Q.; Silva, T. M. & Palanch, W. B. L. (2021). Análise de Documentos Curriculares a Partir da Teoria Habermasiana: Uma Conversa Entre Professores de Matemática. *Anais do VIII SIPEM - VIII Seminário Internacional de Pesquisa em Educação Matemática*. Prod. SBEM - Sociedade Brasileira de Educação Matemática. Uberlândia, MG (online).
- Habermas, J. (2018). *A inclusão do outro: estudo de teoria política*. São Paulo, SP: Unesp.
- Habermas, J. (2019). *Teoria do agir comunicativo I: racionalidade da ação e racionalização social*. Tradução: Paulo Astor Soethe. São Paulo, SP: Wmf Martins Fontes.
- Rosa, F. M. C. & Baraldi, I. M. (Orgs) (2018). *Educação Matemática Inclusiva: estudos e percepções*. Campinas, SP: Mercado de Letras.